

Análise de Conjuntura Eclesial

“A Igreja que somos e a Igreja que sonhamos ser”

TEXTO 1

Nas últimas décadas “constata-se uma onda de neo-conservadorismo que atinge e põe em cheque os espaços eclesiais (as igrejas), enquanto lugar de organização e militância que tem como meta a libertação integral, consolidada na “opção pelos pobres” (Puebla). Os exemplos de Cuba e, mais especificamente, da Nicarágua, cujo processo revolucionário contou com a participação majoritária dos cristãos, contribuíram para fortalecer esta ideologia que passa a ver, na Igreja dos pobres, uma grande ameaça aos interesses do império, devido ao seu potencial libertador e transformador das realidades de opressão e injustiça.

É nesta conjuntura agressiva e desestabilizadora que terá início um longo inverno para a Igreja “Povo de Deus” e, por conseguinte, para as CEBs. Muitos são os que, dentro e fora das igrejas, aceitam, passiva ou ingenuamente, o ópio oferecido pelo império. A sujeição aos interesses imperialistas passará, então, a ser medida pelo religioso, com a função específica de neutralizar os conflitos e frear os processos de libertação. Neste contexto, as igrejas particulares serão “convocadas” a enquadrar-se na lógica da Grande Disciplina. Paralelamente ao neoliberalismo político e com a globocolonização da economia setores da Igreja começam a divulgar mundo afora, um “neoliberalismo religioso” ou, um projeto de “pensamento único”, que acaba por inibir toda a beleza da diversidade das igrejas locais que costuram unidade em um grande pluralismo. Há representantes, “de lá e de cá”, implementando práticas conservadoras e restauradoras da Grande Disciplina, o que, na prática, contradiz o Espírito do Concílio Vaticano II. Promove-se o esvaziamento de temas importantes como Igreja-Povo de Deus, ecumenismo, inculturação, a legítima autonomia das igrejas locais etc. As CEBs, mesmo que de forma velada ou dissimulada, são incompreendidas e, em alguns casos, desprezadas, quando não atacadas, por setores da Igreja configurados nos seus quadros mais conservadores(...)” (Pe. Carlos César dos Santos e Frei Gilvander Luis Moreira, *CEBs: Memória e Utopia, Reflexões a partir do 11º Intereclesial, em REB, outubro 2005*).

TEXTO 2

“Desenvolvendo perspectivas já presentes no Concílio, mas ainda não explicitadas, vários teólogos - a começar por Congar - têm proposto pensar a estrutura social da Igreja em termos de “**comunidade - carismas e ministérios**”. O primeiro termo “comunidade” (ou o teologicamente mais denso “comunhão”), inclui tudo o que há de comum a todos os membros da Igreja; e a dupla “carismas e ministérios” inclui tudo o que positivamente os distingue. É esta, aliás, a **perspectiva do Novo Testamento**, onde nunca aparece o termo “leigo” ou “leiga”, mas sublinham-se os elementos comuns a todos os cristãos e, ao mesmo tempo, valorizam-se as diferenças carismáticas, ministeriais e de serviço. Neste sentido, os termos que designam os membros do Povo de Deus acentuam a condição comum a todos os renascidos pela água e pelo Espírito: “santos”, “eleitos”, “discípulos”, “irmãos”.

O binômio “comunidade - carismas e ministérios” deve, porém ser completado pela perspectiva da **missão** que a Igreja é chamada a desempenhar **no mundo**. A partir de uma eclesiologia de totalidade, a Igreja toda - portanto, pastores e leigos, consagrados e não consagrados - está no mundo e é sacramento de salvação no mundo. Cada um, porém, realiza a missão do povo cristão na Igreja e no mundo a partir do(s) carisma(s) recebido(s) e, eventualmente, do(s) serviço(s) e ministério(s) que exerce” (*Documentos da CNBB, Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, N.º. 62, p. 87-88*).

TEXTO 3

“O Batismo é a fonte da **comum dignidade** e da legítima **diversidade** (cf. LG, 32). A graça recebida no Batismo faz-nos pertencer a Cristo, rompendo com qualquer pretensão de desigualdade no interior da comunidade (cf. Gl 3, 25-29). O que importa, em primeiro lugar, não é ser bispo, padre, freira, diácono, leigo, leiga, mas discípulo, discípula de Jesus. A vocação, é, antes de tudo, chamado para o **seguimento** de Cristo. Mas, ao mesmo tempo, esta graça batismal permite e exige a diferença e a diversidade de carismas, ministérios e funções, evitando a confusão e o nivelamento no interior das comunidades (cf. 1Cor 12, 14-21)” (*Ano Vocacional 2003, Texto-Base: Batismo, fonte de todas as vocações. “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5, 4)*).